

**Raquel Pacheco**

*Centro de Investigação em Artes e Comunicação – CIAC|UALg; Fundação para a Ciência e a Tecnologia - FCT|FSE; Universidade Autónoma de Lisboa – UAL; Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais- CICS.NOVA, Portugal  
raquel.pacheco@gmail.com*

## RESUMO

Focamos nos principais projetos de cinema e educação, tendo como certeza que um campo é uma constituição de elementos em constante movimento. Identificamos e refletimos sobre o surgimento e desenvolvimento do cinema e educação em Portugal, assim como seus atuais desafios. Escrito com a intenção de sistematizar as informações e dados encontrados durante nossa pesquisa, este texto aborda contextos históricos e políticas públicas com ênfase nos projetos que são implementados. Analisamos os motivos e movimentos que impulsionaram e que continuam a impulsionar este campo, assim como aquilo que o retrai e que vem limitando seu crescimento.

**Palavras-Chave:** Cinema e educação; literacia fílmica e audiovisual; crianças e jovens; educação para os media.

## ABSTRACT

We focus on major film projects and education, with the certainty that a field is a formation of elements in constant motion. This paper identifies and offers a reading on the emergence and development of the field of cinema and education in Portugal, as well as its current challenges. Written with the intention to systematise the information and data found during our research, this text deals with historical contexts with emphasis on public policies. We analyze the motives and moves that boosted and that continue to propel this field, as well as what the retracts and comes your limiting growth. **Keywords:** Cinema and education; film and audiovisual literacy; children and youth; media education.

## Introdução

Estamos sendo arrastados para um *novo paradigma do saber* (Gonnet, 2007), onde os media tomam o lugar dos manuais escolares, até então considerados socialmente como símbolos da transmissão do conhecimento. “Hoje, são os media que concretizam e moldam em grande medida a nossa percepção do mundo” (Gonnet, 2007, p.6). Todas estas mudanças das quais estamos falando têm consequências, que nos levam a querer compreender e estudar os media. O enorme poder que os media possuem na sociedade atual preocupa-nos, ao mesmo tempo que os tememos, os execramos e os adoramos. Estudamos os media pela necessidade de compreender quão poderosos eles são em nossa vida cotidiana, na estruturação da

experiência, tanto sobre a superfície como nas profundezas. E queremos que este poder seja utilizado para o bem e não para o mal (Silverstone, 2005).

Os antigos media estão concentrados nas mãos de poucos grupos, o que permite que esses atores tenham mais poder para fortalecer seus valores e pontos de vista. O surgimento e a emergência de novos media, de certa forma, abala as estruturas de poder historicamente estabelecidas, pois qualquer pessoa não profissional pode ser produtora de conteúdos e atingir quaisquer e grandes audiências (Siqueira, 2014). O protagonismo já não está apenas do lado dos que possuem o poder, já que, através desta lógica, anônimos podem se tornar produtores de conteúdos mediáticos. Mas é preciso que os cidadãos sejam educados para aprender a exercer este poder. Neste cenário, a escola tem um papel importante e a área que chamamos de educação para os media pode oferecer as bases para um trabalho crítico e inovador com, sobre e através dos media.

Além de reconhecermos o enorme poder dos media, também podemos dizer que estes organizam, ou nos ajudam a organizar, a nossa ligação diária com o mundo, a *agenda*, a hierarquização das informações, selecionadas pelos media que exercem uma enorme influência sobre os juízos que fazemos relativamente a cada acontecimento por eles anunciado/retratado. Queiramos ou não, estruturamos nossa relação com o mundo em função das informações fornecidas pelos media. Politicamente, os media podem ser *trabalhados* em função dos interesses das classes dominantes (grandes corporações, políticas e políticos etc.). Estas representações do mundo, nos levam a uma relação, até ao momento desconhecida, que se mistura com a relação que mantemos diariamente com o outro (Gonnet, 2007).

Com a colaboração do companheirismo de um educador, a criança e o jovem, exemplifica Gonnet (2007), poderá construir seu próprio caminho para a construção do seu saber através de uma atitude ativa e do espírito crítico que é suscitado quando o sujeito sai da posição de espectador e consumidor e parte para uma postura mais ativa que é permitida quando os instrumentos são colocados em suas mãos para que realize esta construção. De acordo com Gonnet (2007), desde logo, percebe-se o que tal postura implica: ao produzirem um jornal escolar, ao participarem ativamente num programa de rádio ou de vídeo, os jovens interrogam o presente. Partindo da atualidade, da sua atualidade, tentam estruturá-la, hierarquizá-la, atribuir-lhe um sentido. Partem das suas motivações para irem ao encontro de um diálogo indispensável com os adultos.

Aguaded Gómez (2008) sublinha que é necessário que crianças e jovens sejam cidadãos críticos e capazes de perceberem as mensagens e as linguagens dos media, assim como seus aspetos tecnológicos: não é possível compreender a mensagem sem saber como funciona a sua

tecnologia, manipulando-a, dominando-a nos seus níveis mais elementares. Por isso, sublinha que operar o meio é um passo importante para a desmistificação dos media, possibilitando a participação e novos direcionamentos para antigos assuntos.

Partimos da premissa de que para se desenvolver uma literacia fílmica, audiovisual e cinematográfica com crianças e jovens necessitamos envolvê-los em projetos que trabalhe o cinema e educação dentro de espaços que sejam interessantes. Deste modo o cinema e educação encontra-se inserido dentro da educação para os media (Feilitzem e Carlsson, 2002; Fantin, 2005; Pinto et al., 2011; Eleá, 2014) como uma área fundamental para a aquisição de uma literacia mediática completa, deste modo nos propomos a estudar as pedagogias do cinema, que chamamos de cinema e educação. É de nosso interesse perceber como é que o conhecimento sobre a linguagem, a estética e os ambientes do cinema podem favorecer a literacia mediática que hoje passa por ambientes de convergência. O cinema possui suas relações com a arte, o entretenimento e a política e este ambiente encontra-se presente quando estudamos a pedagogia do cinema.

### **Contextos históricos e políticas públicas**

Durante o desenvolvimento deste estudo percebemos a existência de quatro importantes momentos – ou de um acontecimento que marcou e desencadeou uma série de outros acontecimentos também marcantes no percurso do cinema e educação em Portugal:

#### **- 1º Ponto de Viragem: o movimento da Escola Nova e os Cineclubes chegam a Portugal**

O movimento da Educação Nova ou Escola Nova, de Pestalozzi, Montessori e outros, em Portugal, transforma-se em debates de ideias e práticas pedagógicas desde o início do século XX. “Propunha-se valorizar o mundo e interesses dos alunos, ligar as aprendizagens à vida, conjugar o trabalho individual com o trabalho de grupo, valorizar os métodos ativos” (Pinto et al., 2010, p.70). Através, principalmente, da pedagogia de Célestin Freinet, valoriza-se os meios de comunicação, como as correspondências interescolares, o uso da imprensa e daquele que era um meio novo e com grande repercussão: o cinema.

O cinema, de certa forma, no início do século XX já era utilizado, mesmo que de maneira modesta e em muito pequena escala, com o objetivo pedagógico, para se trabalhar com crianças e jovens na educação através da escola. É também nesta altura, em 1924, que surge no Porto a Associação dos Amigos do Cinema, o precursor dos cineclubes em Portugal. O cineclubes também trabalha o cinema de forma pedagógica quando estimula seus membros a verem, discutirem e refletirem sobre o cinema, levando-os a descobrir novas formas de verem o mundo. Em 1935 havia cerca de cinquenta locais onde se podia assistir a sessões de cinema.

No entanto, “o movimento cineclubista só se considera iniciado em Portugal com a fundação do Belcine – Clube de Cinema da Parede, em 1943, e com a constituição, em abril de 1945, do Clube Português de Cinematografia (CPC/CCP), no Porto” (Cunha, 2007, p.2).

A criação dos cineclubes e o primeiro esforço sistemático de afirmação do cinema como arte na Europa parecem ter-se iniciado no momento em que, devido ao aumento da exibição de cinema narrativo norte-americano no pós-guerra e à convergência entre os *media* literário e cinematográfico, o cinema se começava a constituir verdadeiramente como indústria cultural e espetáculo de massas (Granja, 2007:364).

O Centro de Estudos, Documentação e Animação Cultural, com sede em Lisboa, é criado como consequência do resultado dos Encontros de Estudos Cinematográficos, instituídos em 1959, e com delegações em diversas zonas do país. O objetivo do Centro era selecionar filmes, organizar formações de animadores e preparar os guiões de apresentação e debate que acompanhavam os filmes que circulavam pelas delegações.

Pinto *et al.* (2010) sublinham que os cineclubes, em Portugal, assumem desde a década de 1950 um papel fundamental no campo da educação audiovisual. Após uma década de existência, afirma Paulo Cunha (2013), o movimento cineclubista em Portugal conheceu um fulgor sem precedentes, dezenas de cineclubes foram criados em diferentes pontos do país, assim como os cineclubes nas colónias.

Em Portugal, como em outros países, observa-se um certo divórcio, que se mantém atual ainda hoje, entre aquilo que Granja (2007) chama de uma cinefilia popular, que é pouco preocupada com o estatuto estético e cultural do cinema, e uma cinefilia erudita/intelectual, que se apropria do cinema como sua arte. Os cineclubes vivenciaram esta dicotomia: por um lado precisavam atrair um número cada vez maior de sócios para poder legitimar o cinema como arte universal; por outro lado, tinham o desejo de elevar o cinema ao estatuto de arte erudita e superior, ou seja, arte de elite.

Em 1972, José Vieira Marques cria o Festival Internacional de Cinema de Figueira da Foz. Marques vem realizando desde os anos de 1960 ações de formação e cursos de Iniciação Cinematográfica e de Cultura da Imagem. No ano letivo de 1972/1973, apresenta um curso extracurricular realizado na Escola Preparatória Barbosa do Bocage, em Setúbal. Nesta atividade já demonstrava uma preocupação para a “educação do espectador e não para o domínio profissional e técnico do meio cinematográfico” (Pinto *et al.*, 2010, p.72).

De acordo com dados da Federação Portuguesa de Cineclubes, encontramos hoje no país cerca de 43 cineclubes. Foi nos cineclubes de Avanca, Faro e Viseu que surgiram os principais

programas de educação audiovisual. A importância dos cineclubes em Portugal é destacada por Neves (2011), primeiramente por possibilitar uma formação de público, que tem a oportunidade de assistir a filmes que não fazem parte dos circuitos comerciais, que fogem à lógica dominante e que normalmente não são de fácil acesso. E também por suas iniciativas em relação aos projetos de cinema e educação, que possibilitam uma aprendizagem da “teoria, técnica, história e estética do cinema”. Atualmente os cineclubes de Avanca, Viseu, Faro e Viana do Castelo (AO-Norte), apesar das dificuldades consequentes da falta de apoio financeiro, mantêm um importante trabalho de cinema e educação.

O Cine Clube de Viseu – CCV, realiza sem interrupção há quase 20 anos o Projeto Cinema para as Escolas, que regista mais de 40 mil participantes a partir dos três anos de idade. Dentro deste projeto encontramos diversas atividades que o CCV desenvolve com crianças e jovens. O cineclubes de Faro, por sua vez, desenvolve desde 1997/1998 um trabalho pioneiro e sistematizado de cinema e educação no país, o Juventude Cinema Escola – JCE. A associação AO-Norte Cineclubes, situada em Viana do Castelo, além de desenvolver um trabalho na divulgação do cinema, produz documentários e desenvolve projetos na área educativa. Fundada em 1994, a associação promove regularmente workshops e organiza cursos e ações de formação junto das escolas, atividade que se estende através de vários projetos como Olhar o Real, Vídeo na Escola, Histórias na Praça e O Filme da Minha Vida. Anualmente organizam os Encontros de Cinema de Viana, da qual faz parte a 6ª Conferência Internacional de Cinema de Viana, que é um espaço de partilha e reflexão sobre o cinema e a escola, o cinema e a ciência e o documentário contemporâneo, novas narrativas e novas tecnologias.

#### **- 2º Ponto de Viragem: três nomes de destaque no campo do cinema e educação**

Em 1997, Lauro António, coordenou o 1º Encontro Nacional sobre O Audiovisual no Ensino, O Ensino do Audiovisual, realizado na cidade do Porto durante o III Festival Escolar de Vídeo. Foi neste encontro que expôs a sua preocupação em relação à necessidade de se alfabetizar também para o cinema e para o audiovisual e falou sobre a importância do campo do cinema e educação (que chama de cinema e audiovisual):

Voltando ao cinema e ao audiovisual, tenho consciência plena de que eles representam uma ínfima parcela de todo o projeto de uma educação global e autenticamente contemporânea, mas não duvido também que eles são uma parcela absolutamente vital para a construção de um homem novo, livre nas suas convicções, crítico em suas análises, humanista e sensível na sua forma de compreender e olhar, aberto à multiplicidade de propostas, tolerante perante a diferença, inovador na descoberta de novos caminhos. E não é só formando técnicos que se consegue essa revolução. Ela consegue-se formando e sensibilizando as novas gerações para a

especificidade dessa linguagem, para os perigos e armadilhas que ela comporta, da mesma forma que despertando-as para o fascínio dessa magia sem par, lutando contra todas as formas de massificação de narrativas, contra todo o colonialismo de um qualquer sistema de signos que se procure impor (António, 1998, p.22).

No âmbito desta mesma comunicação, Lauro António fala sobre a existência de vários “esboços” de iniciativas para a sensibilização do ensino do cinema e do audiovisual em Portugal. Destaca que, desde os anos 1960, eles são utilizados como “meros auxiliares de ensino” (idem, 1998, p.24). Entretanto, foi no ano de 1991 que o então Ministro da Educação, Roberto Carneiro, e o Secretário de Estado da Reforma Educativa implementaram um programa a nível nacional que incluía o cinema e o audiovisual através de atividades extracurriculares, inserido na Área de Projeto e também como opção curricular dentro do sistema formal de ensino português. Lauro António foi um dos membros deste Grupo de Trabalho de Cinema e Audiovisual nomeado pelo ME. Nesta altura foram oficialmente disponibilizados pelo Ministério da Educação, verdadeiras videotecas para cada escola, com filmes completos e também obras editadas.

O cinema não deveria ser apenas mais uma ferramenta para se ensinar as disciplinas (poderia também ser!), mas o filme deveria ser visto como uma obra de arte, como um espetáculo, como uma excepcional fonte de conhecimento sobre vários temas. Lauro António recomendava não deixar que uma atividade lúdica se transformasse em mais um pesadelo curricular, já que ver cinema deveria ser um prazer e não uma fonte de preocupações escolares. O autor afirma que os clássicos devem ser vistos como algo que diverte, ensina, que ajude a compreender o dia-a-dia, que reflète aspetos de uma época, etc. O programa também previa a ida dos alunos as salas de cinema acompanhados pelos professores. Em relação à vertente da produção, destaca que não basta dar uma câmara para um jovem e dizer para ele fazer filmes. Lauro António (1998) afirma que não vê ganhos para o jovem nesta forma apenas tecnicista de cinema e educação; segundo ele não é importante aprender apenas a apertar um botão se não se sabe orientar a objetiva, se não se sabe como, para quê, ou aquilo que se quer filmar.

Outra questão que António (1998) levanta em relação à sua experiência enquanto consultor do ME é a falta de professores qualificados para iniciarem a sensibilização ao cinema e ao audiovisual. Entretanto, destaca que, com isso, não quer dizer que no ensino não se encontrem professores apaixonados pelo cinema, mas que é necessário estabelecer um plano de formação de professores a vários níveis. E assim foi feito: o programa organizou algumas formações para mais de 500 professores das mais diversas áreas e o ME elaborou uma legislação especial,

“tendente a integrar oficialmente no ensino uma formação técnico-artística na área do cinema e do audiovisual” (António, 1998, p.32).

Mesmo com todo empenho do ME e do grupo que o assessorava nesta “Reforma do Ensino Artístico”, no que diz respeito ao Cinema e ao Audiovisual, António sublinha que “tudo pareceu emperrar daí para cá” (1998, p.33) e afirma o atraso do país nesta área, em relação a outros países da Europa e da América. E conclui dizendo que “o pouco que há feito deixa o terreno quase virgem para os esforços que há que promover e acelerar. Saiba-se aproveitar o tempo perdido, para, sobre ele, se ganhar o futuro” (1998, p.33).

O primeiro projeto de cinema e educação, sistematizado, de longa duração, envolvendo jovens, desenvolvido no país foi criado e implementado por Graça Lobo. Lobo uniu a sua experiência de 20 anos como professora do ensino secundário com sua experiência como cineclubista no Cineclub de Faro, mais um estágio em Paris, decorrente do mestrado, onde teve contacto com o programa francês Escolas ao Cinema e apresentou a proposta de criar um programa didático de cinema à Direcção Regional de Educação do Algarve, para ser implementado em algumas escolas da rede pública de ensino da região. Surge então, no Algarve, O Programa JCE – Juventude Cinema Escola, como uma experiência piloto no ano letivo de 1997/98.

Sobre o JCE, Pereira afirma: “traduz-se no ensino sistemático e sequencial de um programa de conteúdos temáticos (abordáveis em várias disciplinas) e cinematográficos (linguagem, técnicas, história, profissões), num curso de cinco níveis para escolas EB (do 5º ao 9º anos de escolaridade) e num curso de três níveis para escolas secundárias (do 10º ao 12º anos de escolaridade)” (2011, p.6).

Um dos motivos que mais contribuíram para a criação deste programa foi a percepção de Graça Lobo referente à globalização mediática e à unificação dos gostos e modos de ver, principalmente através do predomínio de filmes norte-americanos exibidos nas salas de cinema e através da televisão (Lobo, 2005). Uma das expectativas de Graça Lobo referente ao trabalho desenvolvido neste programa é que crianças e adolescentes tenham um papel mais ativo na sociedade, contrariando a lógica de distribuição de filmes. Depois da sessão no cinema para a visualização do filme (cuidadosamente escolhido), “os alunos preenchem uma ficha. Mais tarde, durante uma aula, fazem uma espécie de «correção» dessa ficha” (Pereira, 2011, p.5), visualizando o que apareceu na ficha através da imagem do filme em DVD. “No final do ano, todos os alunos têm uma ficha sumativa de aquisição de conhecimentos, e uma ficha qualitativa, para que os professores percebam o que os alunos acharam do programa, quais os filmes que mais gostaram e se pretendem ou não prosseguir para o próximo nível” (idem, 2011,

p.5). Os alunos que participam do JCE também podem realizar pequenos filmes, participar de um *quiz show* sobre cinema, realizar peças de teatro, coreografias, levar os pais ao cinema, etc.

Teresa Garcia, assim como Graça Lobo, também trouxe de França as inspirações para o trabalho que desenvolve há uma década e meia, através da associação Os Filhos de Lumière, no campo do cinema e educação com crianças e jovens em Portugal. Os Filhos de Lumière é o nome de uma associação cultural, vocacionada para a sensibilização ao cinema enquanto forma de expressão artística. Criada no ano 2000 por um grupo de cineastas e amantes de cinema, no âmbito da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura, a nossa associação concebe, organiza e orienta atividades que visam levar crianças e adolescentes nelas envolvidas a apreciar, compreender e criticar as obras que resultam da prática da arte cinematográfica. Sempre foi convicção daqueles que se uniram para fundar esta associação que a melhor maneira de adquirir os saberes que nos propúnhamos construir passava pela aquisição de um saber fazer, ou seja privilegiando uma abordagem prática, um conhecimento decorrente da experimentação.<sup>1</sup>

Após este movimento de construção e desconstrução política, a associação reuniu forças e com os materiais que ainda restavam procuraram o cineasta francês Alain Bergala para juntos reconstruírem e darem continuidade ao trabalho que havia sido desenvolvido no Porto. Foi no ano 2000 que iniciaram os trabalhos com os miúdos e não pararam mais.

Criado em França, em 1995, na celebração dos cem anos de cinema, o programa pedagógico, Cinema: cem anos de juventude, é um projeto pioneiro de cinema e educação, coordenado pela Cinemateca Francesa. Este projeto reúne, à escala europeia, profissionais de cinema, professores, salas de cinema, associações e cinematecas e tem vindo a ser implantado em Portugal pela associação Os Filhos de Lumière – em parceria com a Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema – desde o ano letivo de 2006/2007. Trabalham vendo e analisando filmes, ao longo do ano, fazendo exercícios filmados onde descobrem a “matéria do cinema”, realizando por fim pequenos filmes-ensaio em Portugal, França, Espanha, Itália, Reino Unido, Alemanha, Guadalupe, Ilhas Antilhas e Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo).

### **- 3º Ponto de Viragem: 1º Congresso de Literacia, Media e Cidadania**

Com o objetivo de conhecer a realidade do país em relação à educação para os media e responder à questão: “onde estamos no que à Educação para os Media diz respeito?” (Pinto et al.. 2011, p.17), os investigadores da Universidade do Minho, Manuel Pinto e Sara Pereira juntamente com sua equipa realizaram um levantamento e uma investigação minuciosa sobre o tema. Todo o trabalho desenvolvido está na publicação que possui o mesmo título do estudo, editado em 2011.



Este estudo marca uma nova fase da educação para os media, assim como para o campo do cinema e educação em Portugal, pois até então, no país, ainda não se havia realizado um trabalho sistematizado e com um levantamento tão detalhado sobre as ações práticas/projetos sobre os temas. Também analisamos como importante o facto deste estudo ter feito uma associação formal, colocando o cinema e educação como uma parte importante da educação para os media. Todo este movimento de reconhecimento do campo deu voz àqueles que trabalhavam praticamente no anonimato e no isolamento de seus projetos. Quando o estudo mapeou os projetos existentes, os reconheceu, citando em sua publicação, foi iniciado um processo de valorização, de dar visibilidade e voz a um trabalho e um campo que há muito existem mas que são muitas vezes invisíveis.

Em março de 2011 é então realizado na Universidade do Minho, em Portugal, o primeiro Congresso Nacional de Literacia, Media e Cidadania, juntamente com o lançamento da publicação *Educação para os Media em Portugal. Experiências, atores e contextos* (2011). Esta publicação realiza um trabalho precursor e fundamental para a Educação para os Media em Portugal, já que dá conta e traça um panorama do então estado do campo. Foi durante o Congresso e através desta publicação que conseguimos dados para responder à questão sobre a escassez de projetos e pesquisas realizadas nesta área em Portugal – principalmente no campo do cinema e educação. A resposta era que apesar de existirem alguns poucos projetos neste seguimento, este era um campo muito antigo e pouco valorizado por descontínuas vagas de políticas públicas, normalmente interrompidas a meio e que se tinha ainda muito para descobrir sobre o campo.

#### **- 4º Ponto de viragem: a criação do Plano Nacional de Cinema (PNC)**

Em março de 2011, quando veio a Portugal para falar na sessão plenária do Congresso Nacional de Literacia, Media e Cidadania, na Universidade do Minho, Matteo Zacchetti (2010, p.1)<sup>2</sup>, na altura coordenador da Direção Geral da Educação e Cultura da Comissão Europeia, disponibilizou para os participantes um documento onde dizia que “o sector de produção audiovisual é um instrumento crucial de expressão de valores culturais, constituindo um vector da cidadania e cultura, desempenhando um papel fundamental na construção da identidade europeia”.

A partir de 2006, como resposta às necessidades dos media e das indústrias de tecnologias da informação e da comunicação, detetadas pelo Parlamento Europeu, com basenos resultados de projetos de investigação em literacia mediática apoiados pela iniciativa eLearning, a Comissão Europeia iniciou uma reflexão acerca da literacia mediática, no âmbito das políticas europeias para o audiovisual e da Estratégia de Lisboa (Zacchetti, 2010).

A crescente preocupação com a criação de audiências, para que crianças europeias assistam uma programação europeia; para que elas tenham um maior nível de liberdade e curiosidade; e, que tenham instrumentos para escolher aquilo que querem e sejam capazes de avaliar as implicações das suas escolhas, fez com que aumentasse a preocupação em relação à educação cinematográfica e audiovisual no âmbito da UE.

Em julho de 2011, a Comissão Europeia publicou um convite<sup>3</sup> à apresentação de propostas para um estudo realizado por peritos a nível europeu sobre a cultura cinematográfica na Europa, que abrange todos os países da UE (União Europeia) e do EEE (Espaço Económico Europeu). A intenção deste estudo foi criar recomendações baseadas em evidências para informar e colaborar no quadro de formulação de políticas no âmbito da Europa Criativa. O concurso foi ganho por um consórcio do Reino Unido e alguns parceiros europeus, liderado pelo British Film Institute (BFI) e financiado pela Comissão.

Em 2012, o BFI iniciou um levantamento do nível e da oferta de literacia fílmica nos países envolvidos neste estudo, que se chamou Screening Literacy. A definição de literacia fílmica adotada pela Comissão Europeia nesta altura está baseada no seguinte conceito:

Film literacy is the level of understanding of a film, the ability to be conscious and curious in the choice of films; the competence to critically watch a film and to analyze its content, cinematography and technical aspects; and the ability to manipulate its language and technical resources in Creative moving image production (Mark Reid, 2013)<sup>4</sup>.

Portugal foi um dos países que participou deste levantamento e Vítor Reia-Baptista, da Universidade do Algarve e precursor sobre o tema no país, fez parte do grupo de cinco *experts* (a nível europeu) que participaram deste estudo. Como resultado foram produzidos três relatórios, com os levantamentos, dados, análises e recomendações: Executive Summary; Country Profiles; Case Studies<sup>5</sup>.

Miriam Tavares e Vítor Reia-Baptista, através do CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação da Universidade do Algarve, foram os responsáveis pelo levantamento e análise dos dados no país. Os dados apresentados dão conta das seguintes iniciativas: a) da iniciativa JCE que possui o financiamento da Direção Regional de Educação do Algarve; b) do projeto Primeiro Olhar, da Associação Os Filhos de Lumière; c) da iniciativa da Cinemateca Portuguesa que criou a Cinemateca Júnior, e que trabalha basicamente com escolas; d) da existência de alguns projetos pontuais por todo o país; e) e por fim, fala da importante atuação dos cineclubes. Uma das recomendações dos especialistas portugueses é que o programa regional do JCE é “totalmente replicável e sustentável em âmbito nacional”<sup>6</sup>. No início do ano de 2012, a Secretaria de Estado da Cultura disponibiliza para consulta pública uma nova proposta de Lei

para o Cinema e Audiovisual, que contempla dois artigos que apostam “em moldes inovadores na promoção da literacia e captação de novos públicos”<sup>7</sup>.

Deste modo foi oficializado o Plano Nacional de Cinema em Portugal. Durante o 2º Congresso de Literacia Media e Cidadania (2013), a literacia fílmica na Europa e em Portugal foi abordada numa sessão plenária com a presença de Mark Reid, do British Film Institute, por Graça Lobo, coordenadora do Plano Nacional de Cinema e moderada pelo professor Vítor Reia-Baptista, da Universidade do Algarve. Mark Reid falou sobre os dados do projeto Screening Literacy. Graça Lobo, por sua vez, centrou-se na questão da operacionalização do PNC.

Nos mesmos moldes do programa JCE, desenvolvido por mais de uma década a nível regional no Algarve, o PNC teve a sua fase-piloto no ano letivo de 2013/2014, utilizando a já conhecida metodologia desenvolvida pelo JCE. No ano letivo de 2014/2015, teve a sua segunda edição, envolvendo mais escolas e com uma logística mais elaborada, segundo dados da Secretaria de Estado da Cultura.

## **Metodologia**

Este estudo tem como objetivo caracterizar como os projetos de cinema e educação funcionam no seu dia-a-dia; identificar que tipo de pedagogias e metodologias são utilizadas; saber o que estes projetos significam e de que forma contribuem para e com os jovens que deles participam e para sua educação enquanto sujeitos de direitos dentro do contexto do desenvolvimento de uma literacia fílmica e cidadã; e, por fim, perceber o papel das políticas públicas nesta área. Com o intuito de conseguirmos respostas para estas demandas, realizamos um trabalho de campo em Portugal, onde desenvolvemos um processo metodológico que inclui a pesquisa etnográfica através da observação participante e outros métodos relacionados à pesquisa qualitativa, sendo todo o trabalho de campo registado no Diário de Campo da investigação.

Foi realizado um trabalho de campo, durante o ano letivo de 2013/2014, com duração de 11 meses, onde acompanhamos dois diferentes projetos de cinema e educação, suas metodologias, pedagogias e a frequência que são implementados, observando como as políticas públicas interferem nestes contextos. Os projetos escolhidos para participarem neste estudo seguiram as seguintes características: trabalhar com cinema e educação; ser de acesso gratuito; realizar filmes com jovens; não estar sendo implementado pela primeira vez, ter uma história de vida; e, estar aberto à nossa pesquisa. Deste modo participou deste estudo a associação Os Filhos de Lumière, sediada em Lisboa; e a Disciplina de Cinema, com sede na Escola da Quarteira, no Algarve. O cinema como disciplina é pioneiro no país e o percurso do trabalho desenvolvido faz parte de uma dissertação de mestrado realizada na Universidade do

Algarve. A disciplina de Cinema chegou a ser desenvolvida em quatro escolas da região do Algarve: Quarteira, Boliqueime, Faro e Olhão, atualmente sendo ministrada em apenas uma turma do 8º ano na Escola da Quarteira. A turma formada por 24 alunos, entre os 13 e 15 anos, dividida em dois grupos: o primeiro composto por 12 alunos, sendo 11 meninas e 1 menino; o segundo composto por 8 meninas e 4 meninos. A aula de cinema era uma vez por semana, onde cada grupo tinha 45 minutos de aula.

Acompanhamos a associação Os Filhos de Lumière com o projeto “Cinema: cem anos de juventude” nas seguintes escolas:

- 1) Escola Básica 2,3 Marquesa de Alorna, em Lisboa: oficina de cinema, onde qualquer aluno da escola pode inscrever-se. A oficina tem entre 12 e 15 alunos inscritos, entre os 13 e 16 anos, que são acompanhados por duas professoras da escola e a equipa da associação que é composta por três cineastas. Uma semana são as professoras que dão aula sozinhas e na semana seguinte é a equipa com a presença das professoras.
- 2) Escola E.B.1 do Vale da Amoreira, na Moita: participam do projeto uma turma inteira de crianças do 4º ano. “Apesar de ser uma turma de quarto ano, na realidade, não oficial, existem nesta turma diferentes anos letivos, nem todos os alunos possuem o mesmo nível nem o mesmo desempenho, trabalho muito a turma como grupo, a sua união e as diferenças também. Há que saber respeitá-las” – diz o professor responsável pela turma. Numa semana faz as atividades do projeto sozinho com a turma e na semana seguinte é acompanhado por três cineastas.
- 3) Escola Secundária Passos Manuel, em Lisboa: é uma oficina de cinema com 14 alunos, do 5º ao 12º ano, dos 11 aos 17 anos de idade. É acompanhada por uma professora da escola (Isabel), e da associação participam a cineasta Ana Eliseu e a assistente Inês.
- 4) Escola Básica Nuno Gonçalves, em Lisboa: nesta escola, uma turma inteira participa da oficina de cinema, ou seja, são 30 miúdos entre os 12 e os 14 anos. A Professora de música é quem acompanha a oficina e da associação participam a cineasta Ana Eliseu e a assistente Inês.

### **Analisando os dados**

Dos questionários respondidos pelos jovens para este estudo, ficamos a saber que mais de 90% afirmaram que a primeira vez, que foram ao cinema, assistiram um filme realizado nos EUA. Estes dados nos mostram que a cultura e ideologia contidas nos filmes estadunidenses para crianças são consumidas por crianças e jovens portugueses como modelo de cinema assistido

em Portugal. O Plano Nacional de Cinema implementado há quatro anos em Portugal, foi uma iniciativa importante para o campo do cinema e educação no país e busca divulgar os filmes portugueses e de língua portuguesa junto ao público infanto-juvenil. Através deste estudo foi identificada a necessidade de um trabalho de colaboração para o desenvolvimento de um pensamento crítico e o fortalecimento da cultura popular junto das crianças e jovens.

Os sujeitos que desenvolvem e trabalham com os projetos de cinema e educação no país, possuem acima de tudo a ideologia de levar um cinema de qualidade a crianças e jovens. Com o objetivo de implementarem seus projetos travam grandes batalhas: com o sistema, com o governo, para conseguirem apoio e recursos para a implementação dos projetos que desenvolvem. Se por um lado observamos uma escassez de recursos direcionados para os projetos de cinema e educação, por outro percebemos que estes projetos poderiam ter mais impacto e repercussão dentro do espaço onde são desenvolvidos, na vida da comunidade e de todos os envolvidos. Assim como observamos uma subvalorização em relação a presença e influência dos media na vida de crianças e jovens participantes dos projetos. Com frequência a presença dos media é propositadamente ignorada, principalmente os media de massa e sensacionalistas, como se eles não fizessem parte da vida dos educandos e também dos adultos. Há uma negação também do poder e do papel social que os media ocupam. Deste modo, deixa-se de aproveitar esta ferramenta de intervenção, debate e participação que pode colaborar com o processo de educação. O poder dos *media* precisa ser reconhecido para que possa ser analisado e debatido em sala de aula com os educandos, através de diferentes metodologias, mecanismos e ferramentas, de acordo com o interesse de cada grupo.

Os projetos de cinema e educação poderiam ver os media enquanto construtores de uma realidade, ou codificadores desta realidade. Sublinhamos a importância de se implementar dinâmicas dialógicas que gerem uma reflexão sobre o cinema como uma forma de expressão e arte, e do cinema como forma de entretenimento. Conversar de modo franco e aberto com os miúdos sobre nossas apreensões, nossos medos, temores e o que de facto pensamos e acreditamos é a atitude mais terapêutica, tanto para eles, como para nós, educadores.

Existe uma visão funcionalista e utilitária do cinema. A filosofia educativa associada ao cinema e a educação, normalmente, tem o seu discurso pautado em toda uma proposta avançada de ensinar a pensar, de não ensinar somente a reproduzir. Mas na prática o que se vê são projetos que, na maioria das vezes, seguem um modelo ultrapassado e pouco eficaz de pedagogia e educação, havendo, em alguns momentos, uma repetição da “metodologia bancária” (Freire, 1983) de ensino e aprendizagem.

É um pensamento bastante ingênuo, o de acreditar que, por se apresentar e analisar tecnicamente os clássicos, os grandes nomes do cinema mundial nas aulas de cinema para crianças e jovens, isso fará com que estes se apaixonem pelo “verdadeiro” cinema, o cinema enquanto arte. Não basta mostrar que estes filmes são uma forma de arte, transmitir para eles as técnicas de como estes filmes foram feitos, utilizando-se da pedagogia dos Estudos Fílmicos, por exemplo, e deixar que estes educandos repitam o processo de produção e realização de um filme, para que através destes conhecimentos eles amem o cinema. Este processo sozinho não muda os paradigmas, não muda a marca deixada pelo primeiro filme e muito menos apaixona crianças e jovens.

Então perguntamos: Apesar de todo este trabalho realizado nas aulas de cinema, porque os educandos não mudam seus gostos em relação aos filmes que assistem e continuam a preferir assistir aos filmes comerciais realizados nos EUA? Este tipo de filme foi o primeiro visto na sala de cinema pela grande maioria destas crianças e jovens e continuam a ser os seus filmes preferidos. E mesmo assim, durante os projetos de cinema e educação não há reflexão ou diálogo sobre estas questões com os miúdos.

Analisamos que a maior parte dos projetos de cinema e educação não permite que os jovens se expressem livremente, e os mantêm presos à repetição da narrativa clássica, através de mecanismos já conhecidos utilizados pela pedagogia tradicional. Estes projetos não são espaços onde os educandos podem pensar assuntos e questões amplas sobre o cinema. Não presenciamos reflexões nem partilhas sobre o cinema enquanto uma arte imbuída de pensamentos e questões ideológicas (feita por pessoas e/ou grupos), ou sobre os dispositivos construídos ideologicamente ao longo dos anos.

Esta previsto na Convenção sobre os Direitos da Criança que cada criança e jovem tenha sua própria forma de interpretar e utilizar as mensagens mediáticas, de modo a que este processo envolva características, habilidades e vivências específicas, que se desenvolvem no sujeito de maneira individual e intransponível. Os jovens têm uma participação bastante limitada e não são ouvidos ou questionados sobre os projetos em que participam, sobre o que funciona ou não, ou sobre o que pensam do projeto. Também não são questionados sobre o que esperam ou desejam das aulas de cinema (será que existe um medo de saber a resposta?). Mas não é só a voz do jovem ou só a voz do professor que deve ser ouvida, por isso falamos sempre em diálogo, onde as diferentes vozes devem ser ouvidas com um objetivo em comum.

Aqueles que acreditam que a tecnologia por si só promove mudanças, não percebem que são brinquedos do mercado, que vê crianças e jovens como meros consumidores. Promover uma educação sem fronteiras e limites é uma tendência cada dia mais presente. Acreditamos que a

transdisciplinaridade será uma realidade da educação, que aos poucos está a transformar-se, e, na prática, crianças e jovens são os grandes motivadores deste novo paradigma.

Precisamos identificar o modo como os jovens percebem os mecanismos mediáticos e as suas formas de manipulação. Ensinar aos jovens mecanismos para que utilizem os meios e as novas tecnologias, de modo criativo e ativo, a favor de si próprios, das comunidades onde vivem, da construção de suas próprias formas de identidade e cultura é uma atitude que vai de encontro as legislações existentes quando o tema são crianças e jovens.

Presenciamos boas oportunidades geradas pelos alunos, que possibilitariam um debate e conhecimento mais profundo da linguagem, da estética e dos ambientes do cinema. Entretanto poucas foram as vezes que educadores, professores e cineastas demonstraram interesse ou possibilidade de desenvolverem um nível mais aprofundado de literacia mediática com os jovens.

Não há uma estratégia clara para criar nos educandos um “amor pelo cinema”. Então como um adulto seria capaz de fazer uma mediação entre o cinema e uma criança ou um jovem, para que este conheça e aprecie o cinema como arte (ou obra de arte) a ponto de ter amor por ele? Como acontece esse percurso entre educador e educando dentro deste processo? Qual é o processo metodológico para o desenvolvimento deste amor? Toda a investigação realizada ao longo destes quase cinco anos de pesquisa nos leva a uma primeira resposta objetiva que depois possui seus desdobramentos: Através de uma participação plena!

Um adulto, para ser capaz de fazer uma mediação entre o cinema e uma criança ou um jovem, para que este conheça e aprecie o cinema como arte (ou obra de arte) a ponto de ter amor por ele, precisa estar atento a cada criança e jovem que participa da sua aula, de modo a trocar com ela conhecimentos, experiências e fazer uma conexão mais profunda de parceria, que vá muito além da transmissão.

As colocações feitas até o momento não significam que os jovens não gostem dos projetos de cinema e educação que participam. Ao contrário, os jovens educandos declararam que gostam dos projetos, e se sentem contentes por estarem a participar das aulas de cinema. E, de um modo geral, dizem que veem o cinema com mais atenção, com outros olhos, depois que começaram a participar das oficinas de cinema. Sublinhamos que os projetos de cinema e educação exibem e trabalham tecnicamente filmes que os educandos não teriam oportunidade de assistir em outra ocasião.

Os jovens demonstraram ter uma gratidão pelas aulas de cinema e educação, a maior parte deles disse que qualquer aula de cinema é válida, pois o cinema os faz sonhar, ter ganhos e

conhecer coisas e pessoas novas. Estes jovens estão sedentos por motivações, novos e úteis conhecimentos, que nada exigem e de nada se queixam em relação ao “novo e diferente” que é simbolizado pelas aulas de cinema, “mas se puder ter um pouco menos conteúdo, não ter que decorar as datas dos filmes e não ter testes, aí fica bem melhor!” – respondem.

De uma maneira geral, os jovens que participam deste tipo de projeto se sentem muito orgulhosos, mas sua participação resume-se a uma participação bastante passiva. Apesar das propostas educacionais destes projetos normalmente terem seus discursos pautados por ideias avançadas de ensinar a pensar, de não ensinar somente a reproduzir, na prática, não conseguem atingir este objetivo e com frequência repetem o modelo “bancário” de educação.

Não existe uma pedagogia que pode ser considerada a mais adequada para se trabalhar os projetos de cinema e educação. Deve se utilizar a pedagogia em favor de crianças e jovens e não o contrário. Os projetos de cinema e educação podem colaborar e ter como foco proporcionar ao jovem uma consciência sobre seus direitos, possibilitar a liberdade de expressão e a participação, ao mesmo tempo que promovem e refletem sobre o uso consciente dos media. O que se ganha em se ensinar e em se aprender apenas a utilizar a técnica, analisar tecnicamente os filmes e saber a diferença entre um plano e um corte? Este tipo de conhecimento pode ser complementar e útil, mas não pode ser o centro e o maior objetivo dos projetos de cinema e educação. Os projetos de cinema e educação podem resgatar aquilo que Paulo Freire (1987) chama de identidade popular.

Os projetos de cinema e educação e seus educadores podem refletir sobre suas escolhas pedagógicas, pois elas fazem toda a diferença neste percurso de colaborar para que o outro descubra a magia de um cinema sem amarras puramente comerciais. Mas para realizar esta escolha o educador precisa primeiro conhecer a si próprio, pensar o que pretende fazer e aonde quer chegar. Conferir suas próprias ideologias e ser coerente, acima de tudo. Só depois de compreender seu papel enquanto educador e saber o que pretende e aonde quer chegar com os educandos, este deve escolher e se aprofundar em sua escolha pedagógica, seja ela qual for, ou sejam elas quais forem.

O educador, professor, coordenador, cineasta não precisa sentir-se perdido, mas precisa ter a coragem de desmontar as crenças que lhe dão uma aparente segurança e estabilidade, mas que de facto, na prática, não lhe dão nenhum tipo de garantia e muito pouco (ou nenhum) prazer. Sair da forma e reinventar um novo modo de sentir prazer naquilo que se faz, sentir prazer em estar com os alunos, em vê-los crescer, amadurecer, ganhar conhecimento e experiência é o verdadeiro fim de todo trabalho/processo (que é o meio) realizado pelo educador.



O educador, ao fazer suas escolhas, precisa ser sincero consigo próprio e ver o que quer dar aos alunos, aonde quer levar e chegar com os educandos, seus tutelados, e traçar metas, objetivos e metodologias pedagógicas para lá chegar. Tendo claro para si que todo tipo de educação tem uma proposta política e ideológica embutida subliminarmente, e avaliando quais são seus próprios interesses políticos e ideológicos pessoais e em relação ao trabalho que desenvolve. Afinal de contas, dentro das quatro paredes que é a sala de aula, ele é o maestro que rege a turma e o maior responsável por aquilo que acontece.

Bergala (2008) acredita que a escola, tal como está concebida, não foi feita para o desenvolvimento deste trabalho de cinema e educação, mas se as crianças não tiverem contacto com esta arte na escola, qual é o outro lugar que este contacto irá acontecer? Entretanto afirma que o cinema deve estar na escola não como conteúdo curricular e campo de especialidade de um professor, mas como alteridade. Defende que uma educação do cinema como arte tem que ser um encontro que desestabilize o conjunto dos hábitos culturais. “Cada professor ou interventor extrai deles o que lhe parece adequado com relação a situação pedagógica real em que se encontra” (Bergala, 2008, p.82). Bergala tem a preocupação de que todo processo se adapte à realidade de cada turma e de cada contexto.

## **Conclusões**

A educação e a escola ainda são pensadas como ferramentas políticas de domínio e opressão. As escassas e passageiras ações de políticas públicas no campo do cinema e educação visam principalmente uma ação vacinatória mas que, mesmo assim, é restrita a um grupo muito limitado de crianças e jovens. Lembramos Platão que acreditava que educando a elite, esta iria contribuir para a existência de uma *polis* mais justa para os seus cidadãos. Por isso o filósofo passou a investir pessoalmente na educação desta classe com a certeza de que uma elite educada nos valores morais da verdade e justiça poderia modificar todo o resto (Kohan, 2008). Com o passar dos séculos legitimou-se que a elite deveria ter uma educação diferenciada do resto da população e com a consolidação do capitalismo o que vemos é uma elite a ter acesso à melhor educação através de diferentes meios e mecanismos. Estes mecanismos criam uma espécie de abismo entre a educação dos jovens da elite e a educação dos jovens mais pobres, muitas vezes chamados de *menores* - que são crianças e jovens com poucos ou nenhum recurso financeiro.

A educação de qualidade, que inclui o ensino do cinema no contexto de participação e expressão não pode estar limitada à elite, desejamos uma educação de qualidade para todos, crianças e jovens ricos e pobres, independente de raça, cor e género. Mas sabemos que, na

maioria das vezes, uma educação de qualidade é aquela que identifica as deficiências de cada criança e jovem e os provê do que é necessário ser complementado para que tenham ferramentas pessoais e internas para viverem plenamente.

#### Notas:

1. Fonte: <http://osfilhosdelumiere.com/home/>
2. Disponível em: <http://revistacomsoc.pt/index.php/lmc/article/viewFile/524/493>
3. Disponível em: [http://bookshop.europa.eu/is-bin/INTERSHOP.enfinity/WFS/EU-Bookshop-Site/en\\_GB/-/EUR/ViewPublication-Start?PublicationKey=NC0213132](http://bookshop.europa.eu/is-bin/INTERSHOP.enfinity/WFS/EU-Bookshop-Site/en_GB/-/EUR/ViewPublication-Start?PublicationKey=NC0213132)
4. Fonte: <http://www.medeanet.eu/news/project/media-learning-newsletter-october-issue-out-now/>
5. Disponível em: <http://www.bfi.org.uk/screening-literacy-film-education-europe>
6. Fonte: <http://edition.pagesuite-professional.co.uk//launch.aspx?eid=f04523a5-46c5-471d-a466-441e23031aa7>
7. Comunicado da Secretaria de Estado da Cultura, em 01 de fevereiro de 2012. Fonte: [www.ica-ip.pt](http://www.ica-ip.pt)

#### Referências bibliográficas

- Aguaded GÓMEZ, J. I. (2008). “Telespectadores críticos e ativos perante os ecrãs”, in G. Borges e V. Reia-Baptista (org.). *Discursos e Práticas de Qualidade na Televisão*. Lisboa: Livros Horizonte.
- António, L. (1978). *Cinema e Censura em Portugal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- António, L. (1998). *O Ensino, O Cinema e O Audiovisual*. Porto: Porto Editora.
- Bergala, A. (2008). *A hipótese cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema*. Rio de Janeiro: Booklink.
- Cunha, P. (2013). *Cineclubismo e Censura em Portugal (1943-65)*. Comunicação apresentada no II Congresso Internacional História e Literatura no cinema em espanhol e português, Centro de Estudos Brasileiros da Universidad de Salamanca, Espanha.
- Eleá, I. (ed.) (2014). *Agentes e Vozes. Um Panorama da Mídia-Educação no Brasil, Portugal e Espanha*. Sweden: NORDICOM (University of Gothenburg).
- Feilitzen, V. C. e Carlsson, U. (orgs.) (2002). *A Criança e a Mídia: imagem, educação, participação*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO.
- Freire, P. (1983). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gonnet, J. (2007). *Educação para os média – As controvérsias fecundas*. Porto: Porto Editora.
- Granja, P. (2006). *As origens do movimento dos cineclubes em Portugal: 1924 – 55*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Granja, P. (2007). *Cineclubes e cinefilia: entre a cultura de massas e a cultura de elites*. Imprensa da Univ. de Coimbra. URL <http://hdl.handle.net/10316.2/3512>.
- Lobo, G. (2005). *Por dentro do filme – o cinema na sala de aula*. Disponível em: [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt).
- Neves, P. J.F. B. (2011). *O Cinema na Escola. Estudo de caso – a disciplina de opção cinema no 3º ciclo, no Algarve. Percurso e efeitos no tempo*. Dissertação de Mestrado. FCHS – Universidade do Algarve.
- Pereira, A. C. (2011). *O cinema ao serviço da educação: A experiência das escolas de ensino básico e secundário no Algarve*. Revista Comunicação & Educação – ECA/USP – Ano XVI – n. 1.
- Pinto, M.; Pereira, S. Pereira, L.; Ferreira, T. D. (2011). *Educação para os Média em Portugal: experiências, actores e contextos*. Entidade Reguladora para a Comunicação Social.
- Silverstone, R. (1999). *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Edições Loyola.
- Siqueira, A. B. (2014). “Mídia-educação na formação de professores”, in ELEÁ, I. (ed.). *Agentes e Vozes. Um Panorama da Mídia-Educação no Brasil, Portugal e Espanha*. Sweden: NORDICOM (University of Gothenburg).
- Zacchetti, M. (2010). *Literacia mediática: uma abordagem europeia*. European Commission – DG Education and Culture – Media programme and media literacy unit. Disponível em: <http://ec.europa.eu/culture/media/literacy/index>